

## **CONSEQUÊNCIAS DA DES-RETerrITOrIALIZAÇÃO DAS GALERIAS COMERCIAIS DE PASSAGEM EM SÃO PAULO**

### **O caso da Galeria Olido**

**Thaís Pinto Fonseca; Igor Guatelli**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

[thais97fonseca@hotmail.com](mailto:thais97fonseca@hotmail.com) ; [igor.guatelli@mackenzie.br](mailto:igor.guatelli@mackenzie.br)

#### **RESUMEN**

*O artigo analisa a transformação da Galeria Olido, no centro de São Paulo, de um corredor intersticial em um centro cultural. Essa mudança redefiniu seu papel na cidade, conectando diferentes momentos e oferecendo uma programação educativa-cultural. O texto discute os processos de des-reterritorialização propostos por Deleuze e Guattari, destacando como lugares podem ser modificados com o tempo. Também explora as diferenças entre a reterritorialização promovida pelo Estado, através de políticas públicas e aquela iniciada pela população ou pelo mercado. Assim, investiga se a galeria remodelada sugere a criação de um novo espaço público comum ou uma renovação da coletivização do espaço urbano.*

**Palabras clave:** Galerias Comerciais, Relação do Espaço Público e Privado, Gestão Pública, Reterritorialização e ressignificação das galerias.

**Bloque temático:** teoría e história de la ciudad

#### **ABSTRACT**

The article analyzes the transformation of Galeria Olido, in downtown São Paulo, from an interstitial corridor into a cultural center. This change has redefined its role in the city, connecting different moments and offering an educational-cultural program. The text discusses the processes of des-territorialization proposed by Deleuze and Guattari, highlighting how places can be modified over time. It also explores the differences between reterritorialization promoted by the State through public policies and that initiated by the population or the market. Thus, it investigates whether the remodeled gallery suggests the creation of a new common public space or a renewal of the urban space's collectivization.

**Keywords:** Commercial Galleries, Relationship Between Public and Private Space, Public Administration, Reterritorialization and Resignification of Galleries

## Introdução

Há algumas décadas ouve-se falar da superação de binarismos, com profundas reverberações e repercussões no campo social, político, urbano. Se, por um lado, presenciamos indesejáveis processos de privatização dos espaços públicos, por outro lado, algumas situações nos mostram horizontes de hospitaleiras soleiras na cidade. Neste campo, nosso interesse, os territórios de transição são um tema incontornável. Porém, há pelo menos dois séculos, as galerias cobertas de Paris. As famosas « passagens », prenúncios da Modernidade para Walter Benjamin, já introduziam a questão de um certo borramento entre público e privado na metrópole. Assim, interessa-nos o estudo do acontecer na cidade de um território bastante singular, as galerias de passagem de interior de quadra, particularmente da renovada galeria Olido e suas interações programáticas e sociais no ambiente de trânsito acelerado de pessoas. Estamos falando de uma galeria que foi transformada, pelo Estado, em um centro de produção e recepção cultural. Essa mudança estética alterou significativamente, o papel desta galeria no centro urbano à luz de sua existência [e quase apagamento] nas últimas décadas. Podemos dizer que ela passou a desempenhar uma função de conexão associada a outras temporalidades de permanência, associada a uma intensa programação educativa-cultural. Isso levantará a questão dos processos de des-reterritorialização de um território, par de conceitos fulcral proposto por Deleuze e Guattari, em uma de suas obras maiores, *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* », ou, a ideia de que um lugar passa por mudanças profundas em sua lógica de funcionamento e suas finalidades, podendo ter seu sentido transmutado pela perda e adição de camadas de re-significação ao longo do tempo. Tal processo pode ocorrer de forma espontânea ou ser promovida e incentivada por políticas públicas. Surge, então, a indagação se, nesses locais, especialmente a galeria que foi reterritorializada e ganhou uma nova significância urbana, indica uma via para a construção de um novo comum ou um processo renovado de coletivização do espaço público pelos seus interstícios. Além disso, indaga-se sobre as diferenças no processo de reterritorialização quando desencadeado pelo Estado associado a políticas públicas, por ações iniciadas pela população, a partir de interesses do mercado. Elegeu-se a Galeria Olido, situada no centro da cidade de São Paulo, como objeto de estudo, conduzindo uma análise crítica do processo de transformação espacial e programático desse histórico corredor intersticial urbano

## Metodologia

A metodologia empregada é tanto empírica quanto teórica. Baseando-se em conceitos teóricos, buscou-se ler a realidade por meio de uma análise ancorada em conceitos, sem nos restringirmos à teoria. Os conceitos teóricos proporcionam uma estrutura fundamental para a leitura crítica da realidade. Contudo, reconhecemos a importância de confrontá-los com a realidade observada. Assim, realizamos levantamentos e análises in loco para validar, confrontar e enriquecer os posicionamentos teóricos. Essa abordagem proporciona uma compreensão complexa dos fenômenos estudados, evitando análise muito subjetivas. Com o objetivo de criar uma discussão sobre esses espaços, principalmente as galerias que foram reterritorializadas e que adquiriram um novo significado urbano, perguntamo-nos: podem esses microterritórios intersticiais significar um horizonte para a construção de um novo comum, ou um novo processo de coletivização do espaço?

### A territorialização e a desterritorialização das galerias de passagem de São Paulo

As galerias de miolo de quadra em São Paulo assumem múltiplos papéis, oferecendo uma variedade de comércios e serviços. Algumas servem como passagens e conexões, enquanto outras são especializadas em certos produtos, atraindo públicos que param. Entretanto, não há uma regra geral, pois o intenso trânsito de pessoas não está necessariamente relacionado aos tipos de produtos vendidos. Ao longo do tempo, essas galerias precisaram adaptar seus propósitos de acordo com as novas realidades locais, mantendo-se

como espaços de comércio diversificado, comparáveis aos shopping centers, mas também preservando sua função de passagem e conexão urbana. Essas galerias estabelecem singulares relações entre o público e o privado, valorizando a porosidade entre esses dois domínios. A nebulosa fronteira entre esses domínios proporcionada por esses territórios estimula e emula pontuais agenciamentos minoritários em relação a lógica binária da cidade que os contém, passam a ser micro territorialidades que enunciam outras alianças entre poder público, mercado e população que ali reside, trabalha ou simplesmente transita. Territórios quase sem soberania, frágeis soberanias em dissonância consoantes, condição de hospitalidade.

“A partir da ideia de agenciamento, o território volta a se aproximar de outra possível interpretação de seu significado, o lugar do conflito, do embate pelo direito de algo que dá sua existência, da enunciação desse algo que excede a codificação e a estratificação impostas pelo poder soberano. Territórios territorializados por conteúdos e regras vinculadas ao poder soberano, Estado e Capital, podem ser atravessados por linhas e forças desterritorializantes.” (GUATELLI, 2022, p.56).

Essas arquiteturas de interstícios desempenham um papel significativo na transformação dos espaços públicos e privados, influenciando a dinâmica de uso das ruas como áreas públicas. O grau de acesso permitido e a facilidade desse acesso estão diretamente ligados ao nível de privacidade dos espaços, proporcionando diferentes experiências aos frequentadores. Para suavizar a transição entre os espaços público e privado, as galerias frequentemente integram elementos em suas entradas, criando uma "zona cinzenta" que torna quase imperceptível a transição entre espaços. A presença de bares e restaurantes nas galerias aumenta a permeabilidade e congestão do lugar, proporcionando uma sensação de acesso e usufruto a todos. Enquanto algumas galerias se caracterizam majoritariamente como passagem, oferecendo uma variedade de comércios e serviços, outras se destacam pela especialização dos serviços, atraindo um público específico.

No entanto, é importante notar que esse padrão pode variar entre as galerias, pois o uso predominante como passagem não está necessariamente relacionado aos tipos de produtos disponíveis. A circulação e a comunicação são direcionadas por estratégias de organização e estão a serviço delas. As redes de circulação e comunicação desempenham um papel essencial na configuração do espaço-tempo em todo o território. Essas redes estão em constante evolução, adaptando-se à escala determinada pelas estratégias, seja em nível amplo ou local. A transformação e o estabelecimento desse novo território inevitavelmente alteram o que é considerado comum naquela área. Porém, mesmo em um espaço ambíguo entre o estar público e o ser privado, onde ocorrem sutis mudanças no ambiente, ao examiná-las à luz da noção de comum, as fronteiras e limites se tornam evidentes, pois é assim que a reterritorialização do espaço é estabelecida.

“O comum deve ter limites definidos com clareza, pois convém identificar a comunidade a que ele diz respeito; as regras devem ser bem adaptadas às necessidades e condições locais e estar em conformidade com os objetivos; os indivíduos a que se referem essas regras devem participar com regularidade das instâncias encarregadas; [...] O comum não reúne consumidores do mercado ou usuários de uma administração exteriores à produção, mas *coprodutores* que juntos estabelecem regras coletivas para si mesmos.” (DARDOT, 2017, p.160)

Os processos de desterritorialização e reterritorialização desses lugares e suas dimensões política e cultural estão intimamente ligadas. A desterritorialização pode ocorrer de forma simbólica, envolvendo a destruição de símbolos, marcos históricos e identidades, ou de forma concreta, afetando aspectos políticos e econômicos, como a ruptura de antigos laços e fronteiras populacionais. Além disso, os indivíduos, classes e

grupos sociais sempre absorvem, em diferentes graus e escalas, perspectivas desterritorializadas ou desterritorializantes. Esses processos refletem as complexas interações entre poder, cultura e identidade na construção e transformação dos territórios. Ao abordar esses conceitos, é importante destacar a influência dos filósofos Deleuze e Guattari, considerados os pioneiros nesse campo. As galerias desterritorializam e reterritorializam a relação público-privado do espaço urbano. O «cinzento» se torna um potente terceiro território des-reterritorializado.

“Construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”.(DELEUZE, apud. HAESBAERT, 2002, p.01)

### O caso da Galeria Olido

O lugar conhecido como Galeria Olido teve sua origem na época áurea das galerias paulistanas, em 1957, quando foi inaugurado como Cine Olido, o primeiro cinema situado dentro de uma galeria. O nome "Olido" foi criado a partir da fusão dos nomes de Domingos e Olivia, seu fundador e sua esposa, respectivamente. Localizada no Largo do Paissandu, próximo a grandes passagens como a Galeria Comercial (hoje conhecida como Galeria do Rock), a região era conhecida como a Cinelândia paulistana, destacando-se como um espaço privilegiado para encontros de lazer e cultura. Nas décadas subsequentes, houve uma mudança significativa nessa região devido à realocação do centro da cidade para o sudeste e à ascensão dos shoppings centers. Durante os anos 80, as grandes instituições financeiras migraram para outras partes da Cidade de São Paulo, enquanto os shoppings centers começaram a surgir, oferecendo amplos estacionamentos para atender à crescente utilização de automóveis pela população.

Essa conjunção de fatores resultou no declínio do centro da cidade, levando ao abandono das salas de cinema, que anteriormente eram frequentadas pela elite. Em resposta a essa mudança econômica, a empresa responsável pelo Cine Olido dividiu a sala principal, que antes comportava 800 espectadores, em três salas menores. Em 1980, o espaço foi reformado para se adequar a essa nova configuração. O Cine Olido encerrou suas atividades no final da década de 1990, sendo posteriormente restaurado e reaberto pela prefeitura em 2004. (PEREIRA, 2008) Políticas públicas foram implementadas para revitalizar o centro e melhorar o espaço. Em 2004, a prefeitura reabriu o local como Galeria Olido, visando restabelecer seu papel como ponto de encontro. O projeto não se limitou à reabertura do cinema e da galeria, mas também criou um núcleo de cultura e lazer. Foram inaugurados um café, um telecentro e três salas para cinema, música e dança, sendo esta última visível da calçada, convidando ao convívio e participação, denominada “Vitrine da Dança” (SOARES, 2004).



Figura 01 – Notícia da Folha de São Paulo em 1982. Fonte: PEREIRA, 2008

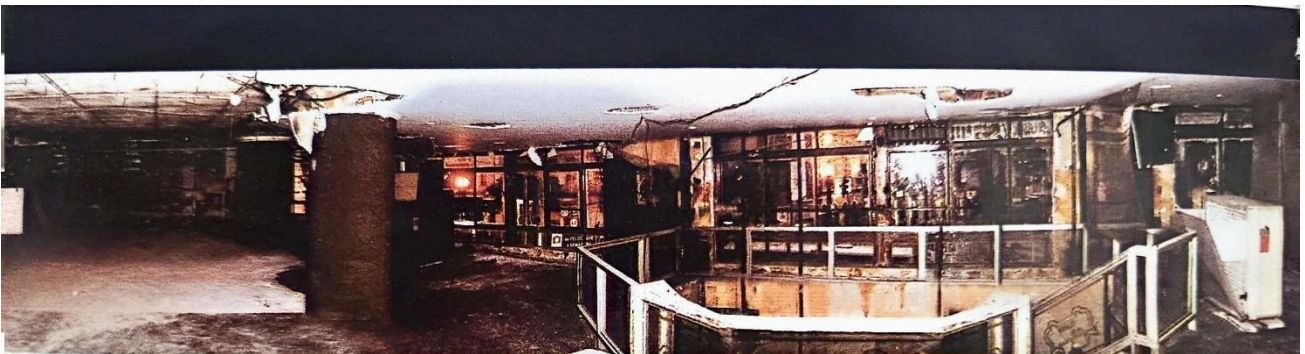


Figura 02 – Estado de abandono da galeria antes da restauração feita pela prefeitura em 2004. Fonte: Livroto "Galeria Olido", 2004

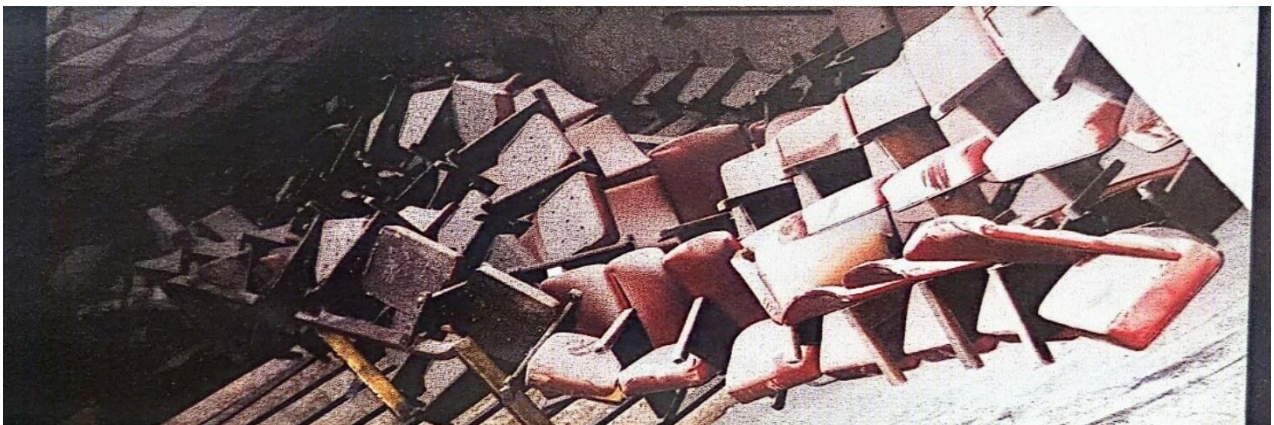


Figura 03 – Interior da sala de cinema antes da restauração feita pela prefeitura em 2004. Fonte: Livreto “Galeria Olido”, 2004

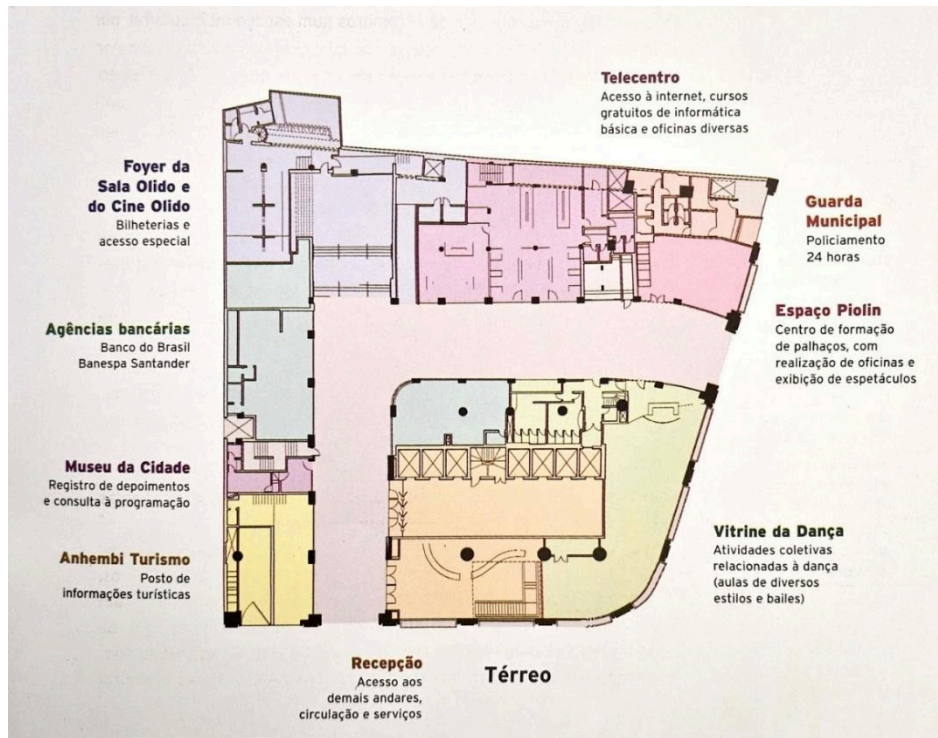


Figura 04 – Planta Térrea da galeria Olido. Fonte: Livreto “Galeria Olido”, 2004

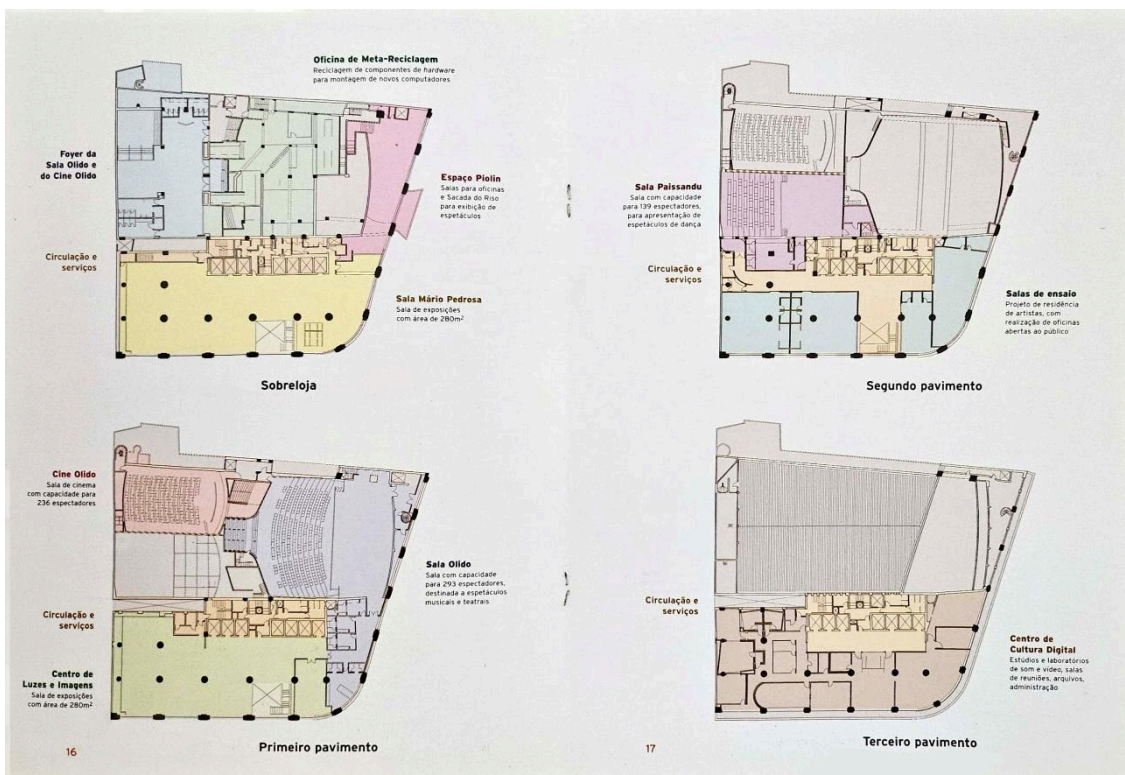


Figura 05 – Plantas dos pavimentos superiores da galeria Olido. Fonte: Livreto “Galeria Olido”, 2004

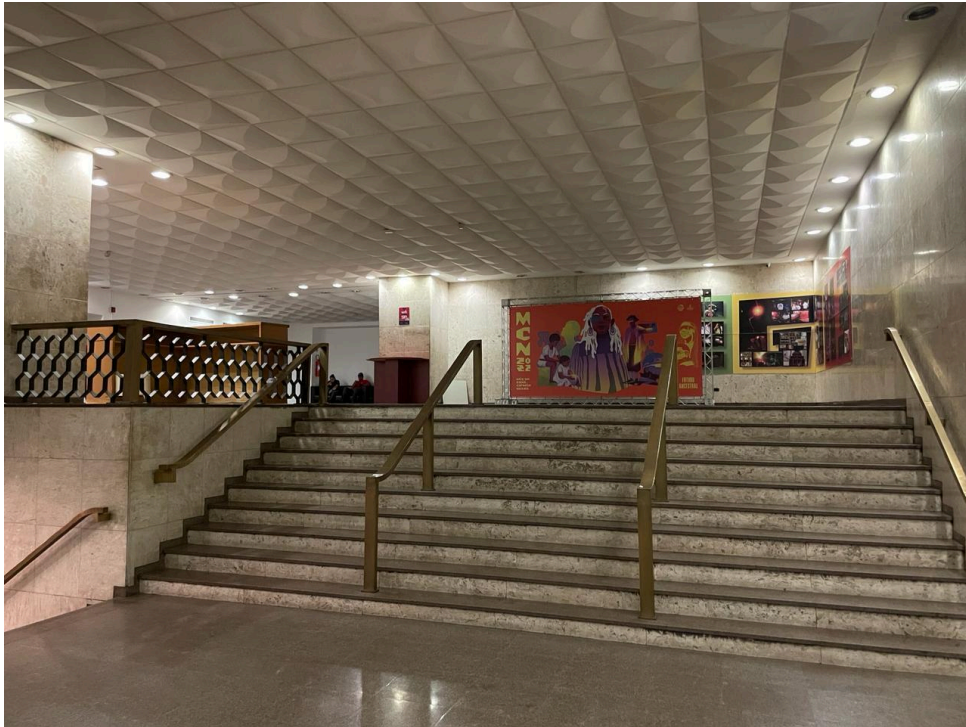


Figura 06 – Entrada para as salas do antigo Cine Olido. Fonte: GUATELLI, 2023

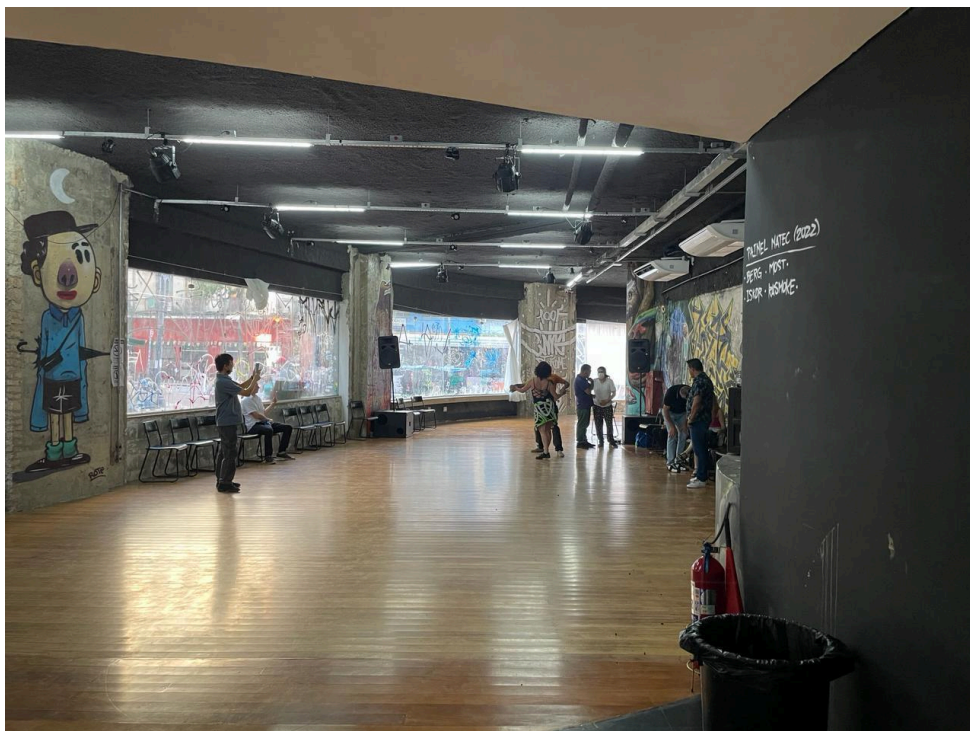


Figura 07 – Interior da vitrine da dança. Fonte: GUATELLI, 2023



Figura 08 – Apresentação na marquise apelidada de “Sacada do Riso”. Fonte: Livreto “Galeria Olido”, 2004

Por meio de um acordo com o setor privado presente no térreo, o Estado implementou políticas públicas com o objetivo de transformar a dinâmica e a cultura de uso do local, ocupando o edifício anteriormente vazio com a instalação de três secretarias municipais, visando aumentar a ocupação. Sobre tal abordagem pode-se levantar críticas, pois analisar a gestão dos recursos da prefeitura de São Paulo revela uma tendência a criar espaços e dinâmicas por meio dessas políticas públicas, sem, no entanto, investir na manutenção desses espaços ao longo do tempo e pensar no espaço a longo prazo para legitimar seu uso, ampliando-o como lugar comum. Um exemplo disso ocorreu em 2018, quando a sede da Secretaria da Cultura foi transferida para um novo endereço na região central da cidade, seguindo a mesma estratégia empregada anteriormente na Galeria Olido, sem considerar as possíveis consequências para o espaço, após a saída da sede do poder público cultural da Olido. (SECOM, 2018) Isso prejudica o investimento anterior e dificulta o processo de legitimação do espaço ao longo do tempo. Essa situação ilustra a teoria do comum, que destaca a importância da participação coletiva na criação de regras para si mesmos, em vez de uma administração externa, uma vez que um espaço administrado verticalmente não gera culturas plurais de apropriação, elementos essenciais para o processo de reterritorialização do espaço. Hoje, o Centro Cultural Olido desempenha o papel de coprodutor, sendo administrado por indivíduos intimamente ligados ao projeto tendo como foco o estímulo a novas atividades e projetos geradores de cotidianidade, expandindo constantemente os horizontes da galeria como um centro cultural transversal aos interesses sociais.





Figura 09 – Pôsteres que encorajam o público a enviar ideias. Fonte: Autoral, 2024

Figura 10 – Anúncio das reuniões abertas ao público para receber sugestões e apresentar o calendário de atividades. Fonte: Instagram-ccolido, 2024

Em 2019, um novo projeto foi implementado para atrair uma atividade já presente na região central, mas com uma abordagem perspicaz da administração, que está atenta às dinâmicas locais. Foi criado um espaço dentro da galeria Olido dedicado a exposições, workshops e atividades permanentes relacionadas à música eletrônica, que é central para grande parte da produção musical contemporânea. Este espaço inclui experimentos eletroacústicos, espetáculos que exploram a interseção entre tecnologia e música, além de encontros entre DJs e danças urbanas como House, Passinho e Vogue. Existe também a intenção de transformar a Galeria Olido em um centro de convergência de novas mídias, onde o público possa ter acesso às últimas novidades no universo dos VJs e instalações audiovisuais. O objetivo deste centro é dar o devido reconhecimento a toda uma cultura que se desenvolveu em torno do DJ e da música eletrônica, sem fazer distinção de gênero, valorizando sua importância. Após a implementação desse projeto, a galeria passou a ser conhecida também como "Galeria do DJ". (ASSEF, 2019)



Figura 11 – Evento da Semana da Música Eletrônica. Fonte: Instagram-ccolido, 2019

Dessa forma, ao olhar para a teoria, o território é percebido como um espaço delimitado e controlado, onde o exercício do poder é manifestado, frequentemente relacionado ao poder político do Estado. Por fim, Haesbaert (2002) explora a perspectiva cultural ou simbólico-cultural, que destaca a dimensão simbólica e subjetiva do território, onde este é percebido como resultado da apropriação e valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Essa criação surge a partir das atividades diárias de apropriação social, contribuindo para a formação de inusitadas e singulares interações sociais no espaço. O território da Galeria Olido é entendido como um conjunto de agenciamentos programáticos e sociais. Esses agenciamentos não se limitam ao espaço geográfico, o que torna o conceito de território dos autores muito abrangente. A pandemia desencadeou um período de intenso esforço para preservar a cultura de uso enraizada no espaço, já que a ausência de locais de encontro dificultou as almejadas interações, demandando um empenho adicional das pessoas para manter vivo o espírito hospitaleiro, acolhedor e popular do local. Durante esse período desafiador, os agenciamentos propostos foram postos à prova, transformando a galeria Olido em um espaço fundamental para a expressão da multiplicidade cultural, verdadeiro campo imantado de diversos grupos, especialmente os raciais e regionais, que utilizaram o local para divulgar seus traços culturais. Manter esse território além do espaço físico tornou-se um desafio significativo.

“Não é propriamente o espaço que forma uma identidade, mas a força política e cultural dos grupos sociais que nele se reproduzem e sua capacidade de produzir uma determinada escala de identidade, territorialmente mediada.”(HAESBAERT, 2002, p.01)

Após enfrentar os desafios do fechamento pela pandemia e crises econômicas, a Galeria Olido reabriu com mudanças significativas. Em 2022, a Secretaria Municipal de Cultura inaugurou a Vitrine Multimídia, transformando o Centro Cultural Olido no primeiro centro cultural público focado em cultura digital na cidade. Este espaço abrange diversas formas de expressão artística, como intervenções multimídia, videoarte, interatividade, realidade virtual, pesquisa e inclusão digital, valorizando a diversidade artística (DURVAL, 2022). O objetivo era estabelecer o Centro Cultural Olido como um local de criação e experimentação de projetos inovadores que promovam a cultura local e explorem as possibilidades da cultura digital. Nesse contexto, surgiu o OLIDO HUB, proposto pela gestora Luciana Ramin, inspirado nos conceitos de hubs de inovação. O objetivo era formar redes entre a cultura digital e as práticas culturais locais, criando um espaço

multidisciplinar que abordasse a interseção entre artes e novas mídias, incentivando abordagens híbridas e interdisciplinares como catalisadores de práticas inovadoras. (SECOM, 2022)



Figura 12 – Entrada do espaço dedicado à memória circense. Fonte: Autoral, 2023



Figura 13 – Entrada do espaço dedicado à memória circense. Fonte: GUATELLI, 2023



Figura 14 – Espaço dedicado à memória circense de São Paulo. Fonte: GUATELLI, 2023



Figura 15 – Passagem da Galeria Olido. Fonte: Autoral, 2023

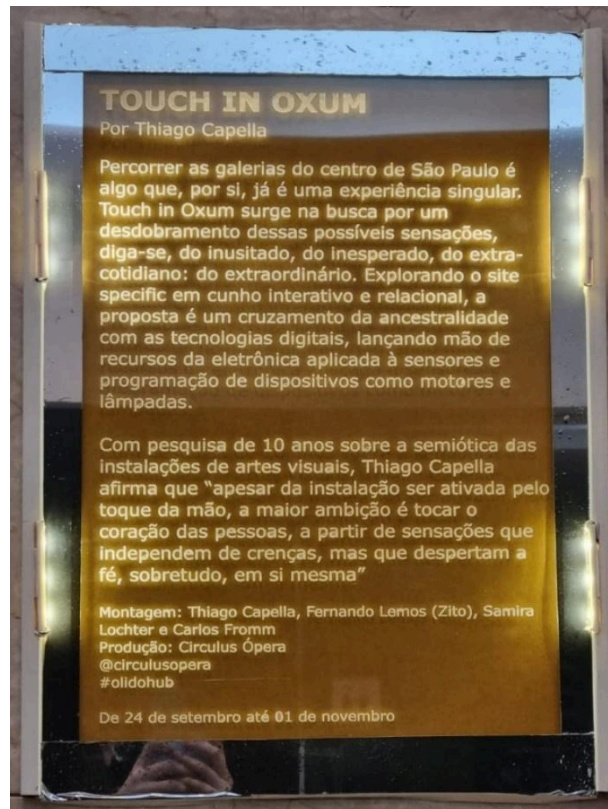


Figura 16: Informativo introduzindo o projeto Touch Oxum. Fonte: Autoral, 2023

A galeria ampliou seus espaços de exposição, incluindo a cultura circense e uma sala multimídia, graças à colaboração entre os coletivos Circulus Ópera e Coletivo Substancial em uma residência artística. Iniciativas como o "Forró na Olido" reuniram artistas e entusiastas do forró, atraindo um novo público e reforçando o papel cultural do espaço. Essas parcerias colaborativas promoveram uma conexão de pensamentos e desejos, revitalizando o espaço e criando um senso de pertencimento compartilhado. Incorporando esses elementos de multiculturalismo, a Galeria Olido reafirmou seu compromisso como catalisador e condensador social, expandindo sua atuação artístico-cultural. (SIQUEIRA, 2023)

“A linguagem dos comuns não é só ‘descritiva e performativa’, mas sobretudo inclusiva. Possibilita pensar, segundo um mesmo esquema, formas de atividades, mobilização e relação que à primeira vista, não tem muito a ver umas com as outras.”(DARDOT, 2017, p.167)

Portanto, a reterritorialização das galerias urbanas, como exemplificado pela Galeria Olido, demonstra que esses microterritórios intersticiais podem, de fato, se transformar em espaços coletivos significativos. A Galeria Olido encontrou seu caminho através de seu centro cultural, sustentado tanto pela legitimação estatal quanto, principalmente, pela participação ativa das pessoas, cuja interação contínua mantém o projeto dinâmico e vivo. Esse processo, que também pode ser observado em outras galerias, como a galeria do rock e do reggae, sugere um modelo promissor para a longevidade e vitalidade desses espaços urbanos.

## REFERÊNCIAS

ASSEF, Claudia. **Centro Cultural Olido vai abrigar Galeria do DJ e das Novas Mídias em SP.** 2019. Disponível em: <https://claudiaassef.blogosfera.uol.com.br/2019/04/03/centro-cultural-olido-vai-abrigar-galeria-do-dj-e-das-novas-midias-em-sp/?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10.fev.2024.

DARDOT, Pierre. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2020.620p.

DURVAL, Nathalia. **Cine Olido volta a funcionar após dois anos fechado com sessões de 'Marte Um'**.2022. Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://guia.folha.uol.com.br/cinema/2022/11/cine-olido-volta-a-funcionar-apos-dois-anos-fechado-com-sessoes-de-marte-um-a-r-4.shtml>. Acesso em: 10.fev.2024.

GUATELLI, Igor. Movimentos [des]territorializantes e outra democracia: intrusões extrusivas. V!RUS, n.24,2022. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v24/595/595pt.php>. Acesso em: 05.mar.2024.

GUATTARI, E.; ROLNIK, S. 1996 **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis:Vozes

HAESBAERT, Glauco Bruce, R.2002. **A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia, 4(7), 7-22. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13419>. Acesso em: 29.ago.23.

MACHADO, Joana Sarue. **O Lugar das Galerias do Centro de São Paulo**: relações entre espaço público e privado. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado)-Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

MENEZES, Gabrielli. **Sessentão, Olido é um dos cinemas de rua mais antigos da cidade.** 2018. Veja Sp. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/cinema-olido-mais-antigo-sp>. Acesso em: 10.fev.2024.

PEREIRA, Luiz Carlos. **Salas de Cinema em São Paulo**: resgate histórico dos cinemas de são paulo. 2008 Disponível em: <http://www.cinemasdesp2.com.br/2008/06/olido-so-paulo-sp.html>. Acesso em: 10.fev.2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Galeria Olido conta história do circo no Paissandu**. Elaborado por Cidade São Paulo Cultura.2008. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=4863>. Acesso em: 10.fev.2024.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO-SECOM. **Histórico edifício Sampaio Moreira vira nova sede da Secretaria da Cultura de São Paulo**.2018. Disponível em: <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/historico-edificio-sampaio-moreira-vira-nova-sede-da-secretaria-da-cultura-de-sao-paulo>. Acesso em: 15.dez.2023.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO- SECOM. **Olido inicia nova fase como polo de cultura digital.** 2022. Disponível em: <https://imprensa.prefeitura.sp.gov.br/noticia/centro-cultural-olido-inicia-nova-fase-como-polo-de-cultura-digital>. Acesso em: 10.fev.2024.

SIQUEIRA, Lucas. **Galeria Olido.** G1. São Paulo, p. 01-02. 16 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/guia/guia-sp/noticia/2023/06/16/galeria-olido-no-centro-de-sp-abre-sala-com-re-cursos-multimedia-neste-fim-de-semana.ghtml>. Acesso em: 29.ago.23.

SOARES, João Paulo (org.). **Livreto Galeria Olido.** São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2004. 30p.